

A HORA MARCADA: O ENCONTRO COM A INDESEJADA

Edina Regina Pugas Panichi (UEL)
edinapanichi@sercomtel.com.br

RESUMO

O presente trabalho busca mostrar o percurso traçado por Pedro Nava para a construção de seu texto. Tal percurso se baseia em anotações, num diálogo do artista com ele mesmo. Os registros indicam, assim, o movimento da criação e fazem aparecer a dinâmica de uma gênese que materializa a relação do autor com a morte. O medo consciente da morte é recalcado pelos homens e sublimado através das mais diversas atividades humanas, entre elas a ciência e a arte. De modo geral, evita-se pensar sobre a morte. Em contrapartida, algumas pessoas se ocupam dela de forma insistente. O memorialista Pedro Nava foi um destes homens. Em sua obra, o medo da morte é claramente exposto e confessado, revelando-se como algo arrebatador. Isto se explica pelas experiências negativas que o autor enfrentou, desde a infância, envolvendo a perda de entes queridos e amigos. Os sentimentos provocados por essas perdas sucessivas passam, então, a guiar sua visão pessimista da vida. A não aceitação da velhice, ligada à ideia da decadência física e proximidade da morte, é também recorrente em sua escrita. A visão negativa dos homens, aliada ao sentimento de injustiças sofridas, corroboram a mágoa acumulada contra seus semelhantes no decorrer de sua escritura. Assim, encarar o suicídio como solução para seus problemas não deixa de ser um paradoxo. No entanto, passa a ser a saída encontrada pelo autor para se vingar daqueles que lhe tinham causado sofrimento.

Palavras-chave: Pedro Nava. Morte. Memória. Crítica genética. Gênese.

A morte é um tema recorrente nas memórias de Pedro Nava. O tema foi, para o memorialista, uma espécie de obsessão literária, marcando presença constante em seus livros. Desde muito cedo o autor teve que conviver com a perda de parentes, amigos, e a mais marcante de todas, a morte do pai, fato que deixou no menino um vazio e a marca profunda da primeira verdadeira experiência de dor causada pela perda de alguém. Após os funerais e o enterro do pai, o então garoto, com apenas onze anos, assim se sentiu:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os dias seguintes, até a missa de sétimo dia na Igreja de São Francisco de Paula [...] aparecem nas minhas recordações como uma sequência cujas cenas foram, umas, indelevelmente gravadas e outras, sovertidas em espessa treva. Como a visão que tem o nadador bracejando em mar bravo que ora tudo abarca da crista da onda, ora nada vislumbra coberto pelo roldão. Mergulhando e emergindo. Não sei se sofri na hora. Mas sei que venho sofrendo destas horas, a vida inteira (NAVA, 1983, p. 441).

O sofrimento despertou no autor, ao longo do tempo, a curiosidade pelo lúgubre processo que a morte acarreta em suas fases diversas, da putrefação ao esfarelamento dos ossos, o que o levou a desenterrar, ainda na sua infância, um macaco condenado à morte por um primo de índole extremamente agressiva:

Eu senti a morte do macaquinho como a de gente e decidi dar-lhe sepultura cristã. [...] Dias depois fui ver como estava e recuei de horror e nojo diante da massa peluda, pegajosa, estufada, sem nome e fervilhando da vida de mil vermes dentro da orquestração das moscas zumbindo. Desprendia um cheiro tão poderoso que me fez cambalear. Era aquilo! A putrefação! (NAVA, 1986, p. 85).

A putrefação ficou marcada e a lembrança acompanhou o autor na vida adulta:

Nunca mais a esqueci e, quando estudei Medicina Legal, fixei suas fases sucessivas e hediondas. Transformei esse conhecimento, aí de mim! no suplício indiano que me faz sofrer não só a morte como a desagregação cotidiana e sabida dos meus mortos. Cada dia que passa, eu sei como eles vão ficando (NAVA, 1986, p. 85-86).

Dentre os documentos constantes na *Pasta de Pedro Nava*, sob a guarda do Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB), da Fundação Casa de Rui Barbosa, encontra-se uma entrevista (PN422) concedida em 2 de setembro de 1920, pelo então estudante Pedro Nava, a um de seus colegas do Colégio Pedro II, Carlos Paiva Gonçalves. As perguntas 4, 5, 6 e 7 são bastante representativas para o que viria ocorrer no futuro:

Pergunta 4: Que pensas da vida?

Resposta: A vida é como um anfiteatro anatômico: aí estudamos as chagas abertas, vemos a podridão, o mal, o horror, o cancro, e, pior de tudo, a “hipocrisia do otimismo”, tudo num montão de lama – a sociedade.

Pergunta 5: Que pensas da morte?

Resposta: A morte é a cessação completa da força de coesão que une as moléculas do nosso corpo; é o relâmpago que separa o orgânico do inorgânico, é a suprema felicidade.

Pergunta 6: Que carreira pretendes seguir?

Resposta: A medicina.

Pergunta 7: Por que a escolheste?

Resposta: Porque é a que me oferece mais encantos, porque, por intermédio dela, estudarei este emaranhado de vasos, esta reunião de músculos, esta teia de nervos que compõem este monte de elementos apodrecidos, que forma o homem.

A resposta à pergunta 4 já evidenciava o total descrédito do autor em relação à sociedade. Uma anotação feita em um dos cadernos utilizados por Nava para registrar dados que seriam utilizados na construção de suas memórias traz a seguinte observação:

OS COLEGAS

Deram-me para comer pedra e cinza e fel para beber. P.N. 24-12-82

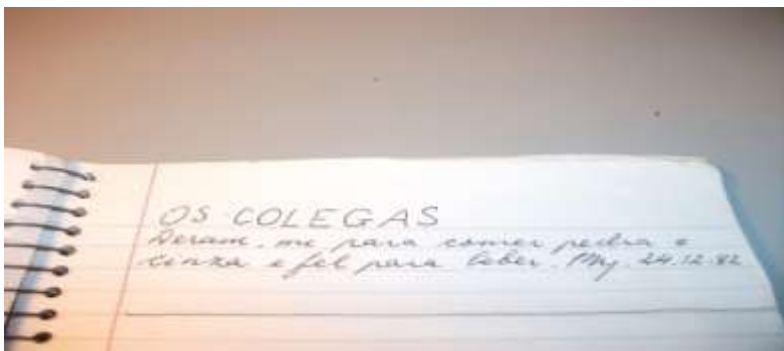


Fig. 1. Acervo Paulo Penido

A informação corrobora o descrédito do memorialista em relação ao próximo, enquanto uma passagem registrada no volume Balão Cativo/Memórias 2, comprova que essa amargura vinha de longa data:

Com dez anos subi o nosso Caminho Novo, mudado para Belo Horizonte. Já tinha provado tudo que nasce do contato com o semelhante. Amizade, carinho, ódio, rancor, ciúme, rudimentos de amor. Experimentara proteção, ajuda,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

perseguição, desamparo e a gelatina da indiferença. Fora preferido e escorraçado. Vedete e passado para trás. Sentira o arrocho dos círculos concêntricos do mundo e vira a Morte se intrometendo. (NAVA, 1986, p. 113).

A resposta à pergunta 4, bastante técnica, não dá a dimensão do que a morte passaria a representar para o memorialista, no decorrer de sua existência. Analisando os cadernos de anotação do autor, inúmeros dados referentes à morte podem ser encontrados: textos selecionados para utilização como epígrafes, a morte descrita em seus pormenores segundo a visão do médico, textos técnicos sobre a morte cerebral, visões que a morte pode causar no moribundo, a figura física da morte, dentre outros.

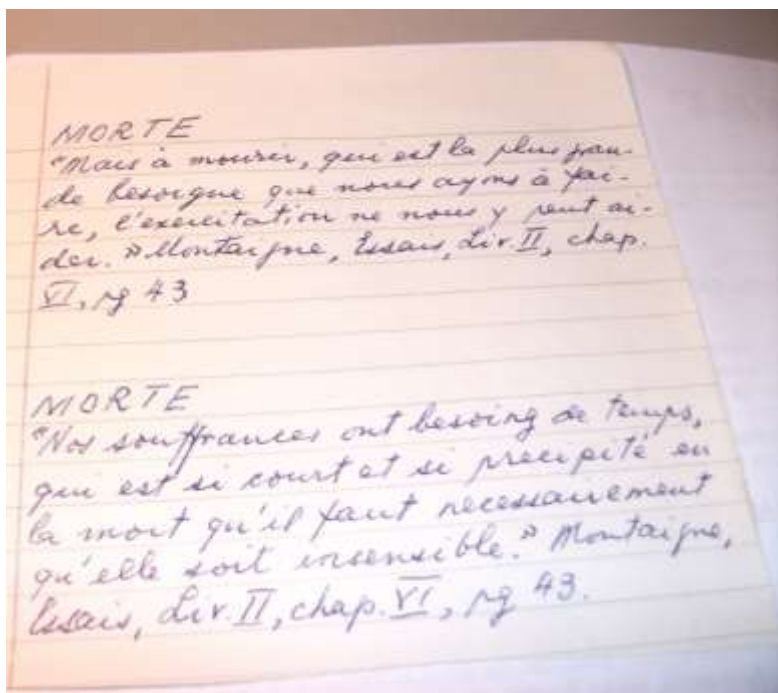


Fig. 2. Acervo Paulo Penido

O autor faz ainda jogos verbais demonstrando que o princípio e o fim se resumem na ideia central, ou seja, AMORTE.

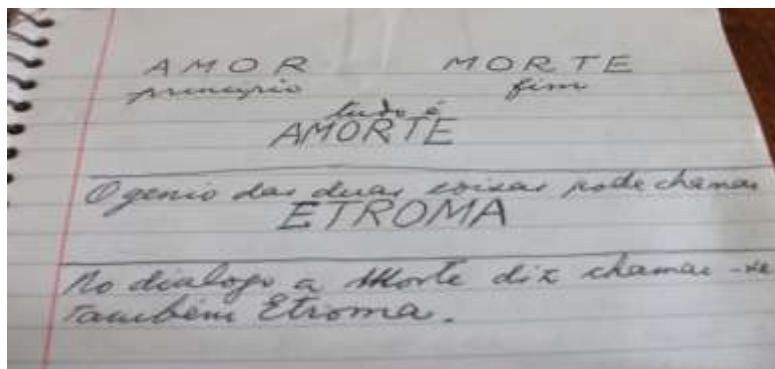


Fig. 3. Acervo Paulo Penido

Assim, são várias as expressões e perífrases que Pedro Nava utiliza para referir-se à morte. Tais expressões, no entanto, não exprimem a ideia de modo direto, ou seja, são modos indiretos e desviados de abarcar a noção. O autor lança mão de fenômenos espontâneos da expressão comum que ele transforma em poderosos achados quando os estende, amplia e adapta àquilo que quer expressar.

Vamos encontrar em Pedro Nava (1983) a morte referenciada como a *Indesejada das Gentes*, numa alusão ao poema Consoada, de Manuel Bandeira (2003, p. 94), a *Dama Esfaimada*, a *velha dama insaciável*, emprestada de Machado de Assis (2013, p. 193), a *Cachorra*, numa alusão ao poema de Pedro Dantas (Prudente de Moraes Neto, 1964, p. 167), a *esganada*, a *magra esganada* e, ainda, a *Dama Branca* (NAVA, 1986), também numa alusão ao poema de Manuel Bandeira (1979, p. 67) em que este demonstra a impotência diante do constante engodo da morte.

Para evitar referir-se diretamente à morte, o memorialista, muitas vezes, retoma asserções de outros autores estabelecendo um diálogo intertextual entre a sua escrita e fragmentos diversos, num processo de incorporação de um texto em outro e numa convergência de propósitos em relação ao objetivo que quer alcançar. Os enunciados ou textos são constituídos por elementos de outros textos, inerentemente intertextuais, constituindo, cada enunciado, “um elo na cadeia da comunicação” (BAKHTIN, 2000, p. 308).

As respostas às perguntas 6 e 7 justificam o interesse do autor pela anatomia e fisiologia, curiosidade já demonstrada quando criança ao

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

desenterrar o pequeno macaco com o objetivo de observar o fenômeno da desintegração do corpo. O interesse pela morte e o fascínio pelo processo físico e pelas transformações orgânicas pelos quais o corpo passa sob a terra, ficam patentes na passagem descrita pelo Nava médico:

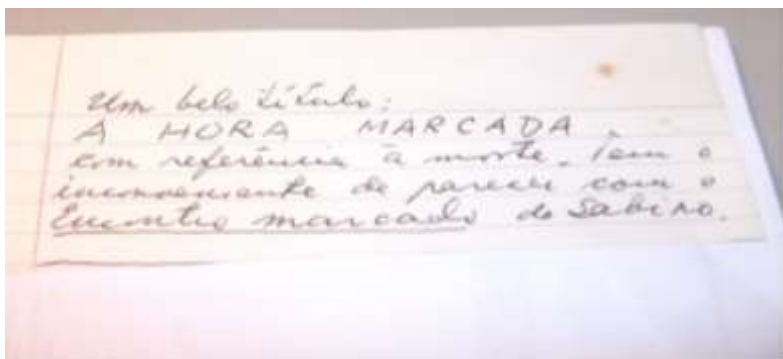
Pobres, pobres, pobres mortos! *Avant tout, votre ventre éclate...* Vocês estouram como nas *Danças Macabras* e no afresco horrendo do *Triunfo da Morte*, do Campo-Santo de Pisa. Ficam verdes, amarelos, roxos, furta-cor, engordam e murcham, crescem e minguam, emitem gases e o artifício dos fogos-fátuos! Entram em fermentação butírica, ficam rançosos, cheiram a *camembert* e *roquefort*. Deitam águas, caldos, sangue e sãnie, banha mole, choram os próprios olhos, esvaziam as órbitas. Ao fim dum ano tiram a máscara da cara provisória e a caveira permanente aparece rindo, rindo cada vez mais porque lhe cai a mandíbula e depois ela rola de lado quando já não a sustenta mais o pescoço que se desagrega. Vocês ficam em ossos, ossos que desmoronam (NAVA, 1986, p. 86).

Há, na descrição, um lado macabro e grotesco. Ao mesmo tempo, reflete as experiências do autor em sua trajetória médica. A obra literária de Pedro Nava não deixa de ser obra de médico. É um de seus principais recursos de linguagem. Quem observar com atenção perceberá o médico em cada página, a experiência dele na apreciação do ser humano.

Uma anotação encontrada entre os arquivos de Pedro Nava revela o seu desejo de usar *A Hora Marcada* como título de um de seus capítulos:

Um belo título:

A HORA MARCADA em referência à morte. Tem o inconveniente de parecer com o Encontro Marcado de Sabino.



O autor dialoga consigo mesmo em relação ao aproveitamento do título descoberto. O caderno de anotações do autor, utilizado para a cons-

trução da obra, registra o movimento da criação e os esboços que acompanham ou antecipam a redação do texto. “As notas permitem apreender a cada instante a impressão fugitiva, a faísca da ideia, o surgimento de uma forma” (HAY, 2007, p. 293). As anotações funcionam, assim, como um receptáculo dos fatos de memória, estabelecendo um fluxo contínuo de ideias, palavras e imagens, permitindo ao autor o desenvolvimento de um pensamento em construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARQUIVO, Museu de Literatura Brasileira. *Pastas Pedro Nava* (PN422)
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BANDEIRA, M. *Melhores poemas de Manuel Bandeira*. 15. ed. São Paulo: Global, 2003.
- _____. *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- CANUTO, A. *Machado de Assis: memórias de um frasista*. Maceió: Edufal, 2013.
- DANTAS, P. A cachorra. In: BANDEIRA, Manuel. *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1964.
- HAY, L. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Trad.: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- NAVA, P. *Bau de ossos: memórias 1*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- _____. *Balão cativo: memórias 2*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.